

Luciana Fernandes de Medeiros

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, RN, Brasil

lucianamedeirosufrn@gmail.com

Recebido em: 31/06/2021

Aceito em: 06/11/2021

## **Envelhecimento e sexualidade – um olhar fenomenológico-existencial.**

### **Aging and sexuality – an existential-phenomenology perspective.**

**Resumo:** Dasein está em um mundo circunscrito social e historicamente, de forma que suas possibilidades e escolhas perpassam por esse horizonte histórico, social e temporal. O envelhecimento é uma fase do desenvolvimento humano que também traz possibilidades e a vivência da sexualidade pode ser uma delas. Esse artigo tem como objetivo tecer algumas considerações teóricas sobre a velhice, a liberdade de Dasein e a sexualidade nesse momento de vida. Foram analisados 12 artigos que abordam o assunto da sexualidade na velhice e realizada uma compreensão de inspiração fenomenológica existencial com base nas leituras de Martin Heidegger e Alice Holzhey-Kunz. Três temas foram elencados: 1) a sexualidade vista como necessária na velhice, 2) as (im) possibilidades de vivenciar a sexualidade em função das questões de gênero, 3) a normatização da sexualidade. Viver a sexualidade plenamente pode ser um aspecto da liberdade de Dasein, mas também pode ser aprisionador, no sentido de cair no modo impróprio, quando existe uma norma dizendo que tem que ser vivenciada. Também aparecem questões de gênero nessa vivência: mulheres e homens compreendem de forma diferente a vivência da sexualidade nessa etapa da vida. Conclui-se que a vivência da sexualidade pode até trazer mais qualidade de vida e saúde para os idosos, mas apenas se fizer sentido para eles. A experiência do próprio idoso sobre a temática precisa ser valorizada por quem se arvora a cuidar disso para que se possibilite liberdade e autonomia.

**Palavras-chave:** envelhecimento, sexualidade, fenomenologia-existencial.

**Abstract:** Dasein is in a socially and historically circumscribed world, so that their possibilities and choices pervade this historical, social and temporal horizon. Aging is a phase of human development that also brings possibilities and the experience of sexuality can be one of them. This article aims at building up some theoretical considerations about old age, the Dasein freedom and sexuality in this moment of life. Twelve articles that address the subject of sexuality in old age were analyzed and an understanding of existential phenomenological inspiration was carried out based in Martin Heidegger and Alice Holzhey-Kunz. Three themes were listed: 1) sexuality seen as necessary in old age, 2) the (im) possibilities of experiencing sexuality based on gender issues, 3) the normalization of sexuality. Living sexuality fully can be an aspect of Dasein's freedom, but it can also be imprisoning, in the sense of falling into the improper mode when there is a norm saying that it has to be experienced. Gender issues also appear in this experience: women and men understand the experience of sexuality in this stage of life in a different way. It is concluded that the experience of sexuality can even bring more quality of life and health to the elderly, but only if it makes sense to them. The elderly's own experience on the subject needs to be valued by those who dare to take care of it so that freedom and autonomy are possible.

**Key-words:** aging, sexuality, existential-phenomenology.

## 1. Introdução

Na perspectiva fenomenológica-existencial, o ser humano é compreendido como Dasein ou ser-aí, conceito essencial da obra de Martin Heidegger (1889-1976). Para Heidegger (2015), o ser-aí é abertura com e para o mundo. Essa afirmação significa que o ser-aí é jogado em um mundo fático para existir e para ser o que puder ser ou ser as possibilidades do ser que se é. Dessa maneira, o ser-aí está sempre em relação com o mundo fático que lhe rodeia, e que, portanto, lhe traz demandas e exige ações, decisões e pensamentos. O ser-aí tende a ser absorvido no mundo e isso lhe garante certa estabilidade a partir dos utensílios, que já são repletos de sentidos, e das tradições, que sustentam determinadas verdades. Essas verdades se expressam a partir dos dogmas, das teorias, das crenças e dos valores e, de alguma maneira, dizem ao ser-aí o que este tem de ser. O ser-aí, absorvido no mundo fático e nas tradições, normalmente, segue o que tem de ser.

No entanto, o ser-aí se caracteriza pelo estar aberto para o mundo e para o poder-ser (Heidegger, 2015; Boss, 1997). Esse caráter de abertura possibilita o questionamento com relação aos sentidos dados e às tradições, podendo gerar um mal-estar diante de algo que sempre fora tido como certo. O ser-aí, portanto, está em um mundo circunscrito social e historicamente, de

forma que suas possibilidades e escolhas perpassam por esse horizonte histórico, social e temporal. Assim, o ser-aí se depara o tempo todo com a necessidade de fazer escolhas e elaborar sentidos sobre suas experiências.

Isso pode trazer angústia porque o ser-aí se depara com a possibilidade de verdades não tão certas, não tão verdadeiras, ao mesmo tempo, em que percebe as limitações, tanto históricas, como temporais. Essa é a luta cotidiana do ser-aí: seguir a tradição, que lhe proporciona segurança e estabilidade até certo ponto, ou perscrutar outros caminhos e outras possibilidades que lhe aparecem e que lhe espantam. Essa possibilidade de ir para outros caminhos é devido ao caráter de liberdade. A liberdade existencial “é imanente à nossa existência” (Holzhey-Kunz, 2018, p.49). A citada autora afirma:

Se é entregue ao homem como tarefa viver a vida (“ser”), então a realização da própria vida sempre contém já uma escolha, que se pode tomar na maioria das vezes de uma maneira irrefletida – a escolha, justamente, de como se quer viver sua vida (Holzhey-Kunz, 2018, p.48).

O ser-aí também está em uma constante e dinâmica relação com os outros (Heidegger, 2015; Casanova, 2017). Isso significa que, além da lida cotidiana com os utensílios e as tradições que o circundam, há outros seres-aí em relação. São seres em coexistência que vivem e convivem juntos, em mútua influência.

O filme “Nossas noites”, dirigido por Ritesh Batra (2017), estrelado por Jane Fonda e Robert Redford, conta a história de Addie e Louis, uma idosa e um idoso que são viúvos e moram próximos um do outro. A história começa com Addie convidando Louis para dormirem juntos e, assim, fazer companhia um ao outro, já que ela não estava conseguindo dormir sozinha. Uma das preocupações de Louis é entrar pela porta dos fundos porque “as pessoas vão falar” (Batra, 2017). De fato, ele se aborrece quando seus amigos riem do fato de ele estar passando a noite na casa de Addie. Seu filho também não gosta da ideia de sua mãe dormir com outra pessoa, inclusive relembra do passado de Louis em que ele não se comportou bem. No final, Addie e Louis aprofundam a amizade e passam a ter um relacionamento amoroso/sexual, no entanto, por questões familiares, acabam se separando.

O que esse filme traz de afetação a quem estuda essa temática da sexualidade e da velhice é a constatação de que vivenciar uma relação afetiva durante o envelhecimento ainda parece interdito. O fato de alguns idosos não poderem mais ter relações sexuais por questões fisiológicas acaba se generalizando na ideia de que velhos não transam, e, conseqüentemente, não se relacionam, não se beijam, não se abraçam.

Constata-se que a mulher, Addie, acaba abrindo mão do seu relacionamento com Louis em função do filho e do neto, algo tão comum nessas paragens. As mulheres sempre são convocadas a manter a família, a se dedicar integralmente aos filhos, e, por vezes, não se

permitem vivenciar novos amores na velhice porque os filhos não aceitam ou para continuar cuidando deles e dos netos (Beauvoir, 2016; Zanello, Fiuza & Costa, 2015; Medeiros, 2019).

Apesar do ser-aí ser dotado da possibilidade de reflexão e de consciência sobre sua própria existência, vive-se em boa parte do tempo no modo impróprio, ou seja, decaído no impessoal, posto que estar sempre em contato com os dilemas e conflitos existenciais pode ser angustiante. Nesse sentido, Holzhey-Kunz (2018) aponta três formas coletivas de autoproteção, ou seja, maneiras que o ser-aí encontra de se proteger da angústia: 1) os negócios cotidianos: o envolvimento em atividades e tarefas que diminui “o perigo de ser trazido para diante do abismo da existência humana” (Holzhey-Kunz, 2018, p.67); 2) o saudável entendimento humano: conhecimentos e ditados que dizem como tem-se que seguir com a vida; 3) a instituição cultural do sentido: as tradições. Nesse sentido, o filme “Nossas noites”, apesar de trazer uma inovação, que é a de Addie convidar Louis para dormir com ela e ele aceitar, acaba terminando com os dois separados, como parece dizer a tradição encurtada de que fala Heidegger (2015) e Casanova (2017).

Em todas as etapas da vida tem-se esses conhecimentos prévios e tradicionais que dizem como tem que ser, as normas, as teorias, as prescrições. A velhice também está permeada pelos significados e valores presentes no mundo fático. Se o mundo circundante está atravessado por concepções aprisionadoras do que é velhice, provavelmente o jovem verá o velho como um inútil e o próprio velho se sentirá assim.

Simone de Beauvoir (1908-1986) mostra como o idoso tende a ser visto como um inútil em seu ensaio “A velhice” e afirma que privar a pessoa idosa de sua liberdade é uma forma de violência. Essa concepção de velhice como algo negativo aparece, por exemplo, em um poema de Vinícius de Moraes: “Serei um corpo sem mocidade, inútil, vazio/ Cheio de irritação para com a vida/ Cheio de irritação para comigo mesmo”. A velhice é como uma experiência desejada, porque não se quer morrer cedo, mas, ao mesmo tempo, enfeitada, quando se chega nela, pelo medo da sensação de inutilidade e desvalorização que geralmente a permeia. Cardoso, Dietrich e Souza (2021), consideram que:

A velhice tem também dimensão existencial, ao modificar a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, com o mundo. Como em qualquer idade, a sociedade estabelece o status do idoso, definindo em boa medida o comportamento do velho e o dos outros em relação a ele (Cardoso; Dietrich; Souza, 2021, p.25).

Diante disso, como o ser-aí experiêcia a liberdade na velhice? São tantos impedimentos, tantas concepções... será que um idoso, uma idosa, pode exercer livremente sua envelhescência? E no que concerne à experiêcia humana da sexualidade, tal como apresentada no filme “Nossas noites”, como tem sido vivenciada pelo/a ser velho/a?

A sexualidade aqui considerada como uma experiêcia humana polissêmica e complexa uma vez que inclui diferentes práticas e modos de ser e fazer. Inclui não só o ato sexual, mas as diferentes manifestações de prazer, afeto, sentimentos e carinho entre pessoas (Maia, s/a).

Considerando essas questões, o presente texto tem como objetivo tecer algumas considerações teóricas sobre a velhice, a liberdade de ser-aí e a sexualidade nesse momento de vida. Para isso, foi realizada uma revisão integrativa sobre o que tem sido debatido sobre o assunto e feita uma compreensão de inspiração fenomenológica existencial sobre esses achados na literatura científica.

## **2. Procedimentos metodológicos**

O presente artigo parte de uma revisão teórica integrativa inspirada na perspectiva fenomenológico-existencial (Heidegger, 2017; Casanova, 2017; Holzhey-Kunz, 2018). Foi realizado um levantamento de artigos na base de dados do Scientific Electronic Library on Line (SciELO), da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS Psi - BIREME/OPAS/OMS) a partir dos seguintes descritores: 1) sexualidade e velhice e 2) sexualidade e envelhecimento. Com os descritores “sexualidade e velhice”, foram encontrados 26 artigos, sendo 07 na BVS-Psi e 19 na SciELO. Dos sete encontrados na BVS-Psi, apenas um foi selecionado para a análise. Dos dezenove encontrados na SciELO, 10 foram selecionados para análise. Já com os descritores “sexualidade e envelhecimento”, foram encontrados 25 artigos na BVS-Psi e na base de dados SciELO, 47 artigos. Desses, 04 da BVS-Psi e 14 da SciELO foram selecionados para análise.

Os critérios utilizados para essa seleção foram: 1) artigos publicados no período entre 2001-2021; 2) artigos que tinham como foco o idoso/a idosa e não os cuidadores ou profissionais de saúde; 3) artigos que tocavam mais diretamente a experiêcia da sexualidade de idosos e idosas e que não traziam outros temas específicos como idosos portadores de HIV/Aids ou ISTs. Com a retirada dos artigos repetidos, ficaram 12 artigos listados na tabela abaixo (apresentados na ordem de leitura):

Autores	Título	Ano
Silva, Marques, Lyra, Medrado, Leal e Raposo	Satisfação Sexual entre Homens Idosos Usuários da Atenção Primária.	2012
Vieira, Coutinho & Saraiva	A Sexualidade Na Velhice: Representações Sociais De Idosos Frequentadores de Um Grupo de Convivência.	2015
Paiva & Frasson	Reflexões sobre menopausa, incontinência urinária, sexualidade e envelhecimento.	2014
Biasus, Demantova e Camargo	Representações sociais do envelhecimento e da sexualidade para pessoas com mais de 50 anos.	2011
Santos e Carlos	Observações clínicas sobre o valor das reminiscências no processo de envelhecimento.	2011
Pocahy	Entre vapores & vídeos pornôs: dissidências homo/eróticas na trama discursiva do envelhecimento masculino.	2012
Bastos et al.	Importância atribuída ao sexo por idosos do município de Porto Alegre e associação com a autopercepção de saúde e o sentimento de felicidade.	2012
Rohden	“O homem é mesmo a sua testosterona”: promoção da andropausa e representações sobre sexualidade e envelhecimento no cenário brasileiro.	2011
Soares e Meneghel	O silêncio da sexualidade em idosos dependentes.	2021
Câmara e Câmara	Os dissabores amordaçados da velhice em Lygia Fagundes Telles e Clarice Lispector.	2019
Aboim	Narrativas do envelhecimento: Ser velho na sociedade contemporânea.	2014
Debert e Brigeiro	Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice.	2012

Tabela 01 – construída pela autora.

Os doze artigos selecionados foram lidos e analisados, observando os fenômenos que se destacavam no texto e que ilustravam a experiência da sexualidade em idosos e idosas. A partir dessa leitura, foram identificados alguns núcleos temáticos que formaram a base da discussão e a análise foi inspirada na perspectiva fenomenológica-existencial e nas leituras prévias sobre sexualidade e gênero (Beauvoir, 2016; Zanello, Fiuza & Costa, 2015; Medeiros, 2019).

Para o percurso da análise, tomou-se como base a descrição dos fenômenos da sexualidade em idosos/as e como esse tem sido apresentado pela literatura estudada. A interpretação dos dados considerou o que Gadamer (2015) aponta sobre a hermenêutica: a interpretação do material geralmente parte da expectativa do autor que interpreta com base em seus conhecimentos prévios e também em seus preconceitos. Por esse motivo, faz-se necessária uma descrição do processo de análise e a reflexividade sobre como esses dados são compreendidos.

Nos dizeres do próprio Gadamer (2015), “quem quer compreender um texto deve estar disposto a deixar que este lhe diga alguma coisa” (p.358). Foi nesse intuito, de buscar identificar o que os textos analisados dizem, que a leitura foi realizada. Nessa etapa, os trechos considerados mais significativos foram destacados e copiados em um documento à parte com a respectiva referência. Durante a leitura dos artigos, as ideias que surgiram e as relações com outros materiais foram registradas no mesmo documento com fonte diferente. A partir daí, emergiram três temas com base nos estudos prévios da autora sobre questões de gênero e sexualidade (Beauvoir, 2016, 2018; Medeiros, 2019; Vieira et al., 2015). Com a emersão desses temas, os resultados começaram a ser construídos com a seleção dos trechos destacados que melhor ilustrassem a temática e a tessitura do texto começou a ser desenvolvida.

Nesse movimento, entre compreender os textos dos artigos analisados e articular com temas caros à fenomenologia-existencial como o ser-aí, o cuidado e a liberdade, é que os resultados da presente investigação foram alcançados.

### **3. Resultados e discussão**

A partir da leitura dos artigos, foi possível anotar impressões, sentimentos e afetações para com os dados apresentados. Nesse sentido, foram identificados três temas inter-relacionados e que buscam responder ao objetivo do presente trabalho: 1) a sexualidade vista como necessária na velhice, 2) as (im) possibilidades de vivenciar a sexualidade em função das questões de gênero, 3) a normatização da sexualidade.

## **A sexualidade vista como necessária na velhice – associada à saúde e à qualidade de vida**

O primeiro aspecto que chama a atenção na leitura dos artigos selecionados é que a maioria foi escrita antes de 2015, e os demais, a partir de 2019. Ou seja, há um intervalo de 04 anos em que não houve publicação específica nessa temática. A impressão que se tem é que não há uma regularidade na produção de artigos sobre o tema.

Os textos analisados, em geral, afirmam que vivenciar a sexualidade na velhice é saudável e necessária (Vieira, Coutinho & Saraiva, 2015; Soares & Meneghel, 2021; Debert & Brigeiro, 2012; Bastos et al., 2012). Por esse motivo, este é o primeiro tema a ser apresentado.

De acordo com Vieira, Coutinho e Saraiva (2015), o envelhecimento é um processo singular para quem envelhece. Nesse sentido, entende-se que a experiência do envelhecer vai depender de uma série de fatores como, por exemplo, a maneira como o ser-aí concebe a velhice, que escolhas serão possíveis nesse processo e como os existenciais se articulam na vivência do ser-aí. A maneira de vivenciar a velhice também vai depender das condições de vida e acesso aos bens e serviços. A sexualidade seria um determinante a mais para a qualidade de vida no envelhecer (Vieira, Coutinho & Saraiva, 2015; Soares & Meneghel, 2021; Debert & Brigeiro, 2012; Bastos et al., 2012). A sexualidade também aparece associada com a auto estima e com o companheirismo (Vieira, Coutinho & Saraiva, 2015).

Os vários autores aqui elencados buscaram estudar a sexualidade nesse período da vida numa tentativa de desconstruir a ideia de que a pessoa, na velhice, é assexuada, bem como apontar elementos para compreender como a sexualidade pode ser mais bem trabalhada pelos profissionais de saúde. A ideia geral é a de que os idosos podem e devem vivenciar a sexualidade porque esta traria mais saúde e qualidade de vida.

Em relação ao tabu da sexualidade na velhice, Bastos et al. (2012) consideram que “a sociedade ainda concebe que apenas aos mais novos é dada a possibilidade de manifestar sua sexualidade, relegando o idoso à abstinência sexual” (p.88). Esses autores estudaram a importância atribuída à sexualidade por idosos e identificaram que, provavelmente, devido a esse tabu, muitos idosos não valorizam a possibilidade de vivenciar a sexualidade nessa época da vida.

Ideia semelhante aparece no estudo de Câmara e Câmara (2019) que fizeram uma análise de dois contos brasileiros (“Senhor diretor”, de Lygia Fagundes Telles e “A partida do trem”, de Clarice Lispector). As duas personagens retratadas nos contos falam de mulheres idosas e solitárias, com questões existenciais e interdições ao corpo.

Em resumidas palavras, podemos afirmar que Maria Emília não seria a vilã da nossa história, mas a vítima da sacralidade exigida por uma sociedade machista e autoritária que disciplina o indivíduo de forma que o mesmo se torne refém de um sistema (Câmara; Câmara, 2019, p.05).

Em outra perspectiva, Silva, Marques, Lyra, Medrado, Leal e Raposo (2012) buscaram investigar a satisfação sexual em idosos, usuários da estratégia saúde da família em um município brasileiro. Nesse estudo, a maioria dos homens idosos, participantes da pesquisa, relatou ter sentido satisfação sexual nos últimos 12 meses. Os que convivem com uma parceira demonstraram maior satisfação em sua sexualidade. O artigo enfatiza a importância da promoção de saúde na atenção primária com relação à sexualidade dos idosos, pois como se vê na pesquisa, os idosos podem ter uma vida sexual ativa.

No estudo de Biasus, Demantova e Camargo (2011), ao estudar sexualidade e menopausa, identificaram que as modificações corporais podem influenciar o exercício da sexualidade e afirmam haver um estereótipo da menopausa associada à assexualidade, ou seja, a ideia errônea de que a mulher que entra na menopausa deixa de ter uma vida sexual ativa. No entanto, os autores constatam que as mulheres envelhecem, mas ainda buscam carinho e companheirismo na parceria mostrando que a sexualidade não se resume ao ato sexual.

Paiva e Frasson (2014) também estudaram a relação entre menopausa e sexualidade e perceberam que “para algumas participantes do estudo, a libido permaneceu inalterada, para outras o desejo aumentou, e a atividade sexual passou a ser vivenciada com mais liberdade” (p.752). Nesse estudo, se evidencia a menopausa como um marco na vida da mulher, podendo trazer maior liberdade sexual para algumas. Em geral, observa-se que esses estudos, a maioria do campo da saúde, defendem que discussões sobre sexualidade devem fazer parte das ações dos serviços de saúde. O intuito dessas discussões seria justamente trazer à tona a importância de vivenciar a sexualidade de maneira saudável (ou seja, com prazer e sem riscos).

No trabalho de Santos e Carlos (2011), há o relato de caso de uma mulher que teve uma educação bastante rígida e que passou anos escondendo uma experiência amorosa que tivera depois da viuvez. Com as sessões de análise, retomou sua história na velhice e pôde compreender melhor o que lhe acontecera, o que permitiu dirimir parte da culpa. Esse estudo mostra como certos discursos introjetados na infância e na juventude permeiam toda a história de vida da pessoa, contribuindo, muitas vezes, para o cerceamento dos modos de ser si mesmo.

Já em Rohden (2011) tem-se uma visão crítica sobre a relação entre envelhecimento e sexualidade:

No caso do envelhecimento, é de se notar a transformação ocorrida no último século entre uma concepção que admitia a passagem da idade e correlatas alterações nas capacidades corporais, para uma outra, que privilegia o império da juventude e procura, por meio das mais diferentes intervenções, adiar ao máximo ou negar a chegada do envelhecimento. Com relação à sexualidade, muda-se da admissão de uma suposta diminuição no interesse e atividade sexual ao longo da vida para uma compreensão do sexo como fonte da juventude e como algo que deve ser buscado insistentemente (Rohden, 2011, p.191).

Nesse caso, ao invés da ausência de vida sexual na velhice, tem-se a supervalorização de que o idoso tem que vivenciar sua sexualidade e os profissionais de saúde devem estudar essa temática para poder abordá-la melhor em suas ações cotidianas. O problema, apontado por Rohden (2011), é que a vivência da sexualidade aconteça única e exclusivamente em função de um culto à juventude, algo tão característico da sociedade moderna.

Pocahy (2012) mostra que o culto à juventude também aparece entre os gays e como isso parece afetar a autoestima de alguns idosos. No entanto, o mais relevante desse artigo é o relato do autor sobre sua observação participante em uma sauna gay para idosos. Esse relato de caso é bastante interessante porque traz à tona a vivência da sexualidade em idosos homossexuais, ainda bastante interdita na sociedade. Sabe-se que existe, mas não se fala e não se ouve. Observa-se que os textos que abordam a sexualidade na velhice geralmente pontuam situações heterossexuais. Mesmo no campo da sexologia, a sexualidade parece estar englobada no campo da heterossexualidade e da conjugalidade.

Observa-se, portanto, que com relação à temática da sexualidade como necessária na velhice aparecem sentidos em contraposição: aqueles que enfatizam a importância de se libertar dos dogmas e vivenciar a sexualidade na velhice (predominantemente heteronormativa) e aqueles que fazem uma crítica a esse “ter que ser” ativo/a sexualmente nessa fase da vida. Nesse sentido, o ser-aí talvez não consiga sair do modo impróprio no campo da sexualidade, posto que os discursos prescritivos parecem mudar, mas ainda assim guardam um caráter de dever-ser. Esses discursos, aparentemente contraditórios, se relacionam com o que Holzhey-Kunz (2018) denomina de “saudável entendimento humano”, posto que trazem certo conforto para aqueles que consideram um absurdo vivenciar a sexualidade na velhice, mas também para aqueles que acham necessária vivenciá-la.

Por esse motivo, pensar as (im) possibilidades dessa vivência na velhice faz-se necessária, pois, afinal, o/a idoso/a deve ou não deve ter uma vida sexual ativa? E se puder ter, quem pode se sentir livre para tal?

## **(Im) possibilidades de vivenciar a sexualidade em função do gênero**

Em relação a essa temática, encontrou-se material significativo para discussão nos artigos analisados. Enquanto há uma ideia generalizada de que as pessoas devem vivenciar a sexualidade na velhice, os artigos apontam para diferentes concepções nesse vivenciar, sobretudo no que concerne ao gênero.

Paiva e Frasson (2014) comentam que:

Em nossa cultura ocidental, o envelhecimento muitas vezes está associado à ausência de desejo ou de vida sexual, sendo este rótulo mais forte para as mulheres, tendo em vista que a principal finalidade de sua sexualidade vem a ser a reprodução (Paiva; Frasson, 2014, p.752).

O texto aponta para essa aparente ausência de vida sexual entre os idosos, sobretudo entre as mulheres. De fato, a sexualidade das mulheres está muito associada a questões reprodutivas (Detoni, Machado e Nardi, 2018; Beraldo, Birchall e Mayorga, 2017). Esse “saudável entendimento humano”, como já apontado por Holzhey-Kunz (2018), traz uma certa estabilidade e o ser-aí se mantém no modo impessoal, ou seja, não há o que questionar, só viver de acordo com a regra. Nesse caso, muitas mulheres aceitam que a sexualidade é restrita ao casamento, à reprodução e que não faz muito sentido na velhice.

Sobre a sexualidade feminina, Biasus, Demantova e Camargo (2011) verificam que:

A vivência da sexualidade feminina na velhice é marcada por perdas e pela repressão do desejo devido a mágoas, culpa, viuvez e separação. A importância da sexualidade está associada positivamente à existência de parceiro sexual, e negativamente à experiência de barreiras para a sexualidade como problemas de saúde (Biasus; Demantova; Camargo, 2011, p.322).

A sexualidade da mulher idosa vai se delineando como complexa em relação à possibilidade de sentir desejo nessa fase da vida, posto que os discursos hegemônicos ainda colocam a sexualidade feminina como algo interdito. Além dessa interdição, o culto à juventude parece afetar mais as mulheres. “No caso das idosas, as transformações corporais e a mensagem de uma cultura que valoriza a juventude e invisibiliza o velho, sustentam a impossibilidade de serem vistas como atraentes e desejáveis” (Soares; Meneghel, 2021, p.133). Assim, as idosas sentem a questão da aparência, o envelhecimento como algo feio, que não as deixa atraentes.

Em consonância com essa fala, Aboim (2014) afirma que as mulheres idosas sofrem com a perda da beleza e da juventude. De acordo com os dados apresentados pela autora, as mulheres também parecem se colocar mais passivas quando seus parceiros não conseguem manter uma relação sexual.

Soares e Meneghel (2021) colocam que, como estão em uma sociedade patriarcal e falocêntrica, os homens tendem a se sentir frustrados e tristes quando chegam na velhice e sofrem com as perdas decorrentes da idade (como a perda da potência sexual, comum no envelhecimento). Para Rohden (2011), a sexualidade no homem está muito associada ao ato sexual, por isso, quando este começa a sofrer de disfunção erétil, esta passa a ser foco da intervenção médica. Esses dois artigos trazem a ideia de que os homens são socializados com foco no ato sexual em si e, quando envelhecem e tendem a sofrer de impotência, há interferência negativa em sua sexualidade.

Para Soares e Meneghel (2021), “as mulheres, por sua vez, são socializadas para satisfazer o desejo masculino, secundarizando os seus próprios, e podem, desta maneira, minimizar a importância do sexo e do prazer sexual” (p.130). Nesse estudo, os autores também perceberam alguns idosos homens bem mais sofridos devido à perda da potência, mesmo havendo ainda desejo sexual. Já as idosas viúvas referiram não sentir desejo, nem consideravam adequado ter relações sexuais depois que perderam os maridos. Muitos homens sofrem porque perdem a potência, e algumas mulheres não sentem desejo, nem consideram necessária a sexualidade. Observa-se que são sentimentos muito atravessados pela cultura em que foram socializados/as e que ainda se faz presente no mundo circundante.

Bastos et al. (2012), estudando a importância atribuída à sexualidade por idosos, encontram que os homens tendem a considerá-la mais importante, e constataam que:

Esse achado pode ser atribuído a questões culturais e de educação, pois os diferentes papéis de gêneros ficaram mais evidentes, sobretudo na relação da moral com a questão sexual. Assim, a moralidade conduzia a experiências sexuais masculinas, enquanto procurava restringir a sexualidade feminina (Bastos et al., 2012, p.93).

Assim, as possibilidades de vivenciar a sexualidade na velhice vão depender muito das questões de gênero, ou seja, de como homens e mulheres são socializados em relação à sexualidade, bem como com as condições de saúde para exercê-la na velhice. No caso dos homens, estes tendem a sofrer com a perda da potência e, no caso, das mulheres, tendem a compreender a sexualidade como uma vivência inadequada para sua idade e/ou se acham pouco desejáveis. Nesses casos, há mais impossibilidades para ambos, posto que alguns idosos não conseguem experienciar a sexualidade e outros, não se permitem.

Interessante destacar a concepção de sexualidade para homens e mulheres presentes nesses textos. Enquanto que para os homens, a penetração é a principal atividade da sexualidade, para as mulheres, o carinho, o afeto e a atenção são mais essenciais:

Algumas das mulheres acenaram com essa dimensão mais ampla, focando vivências que não incluem aspectos físicos apenas, e trazem à tona uma visão da interação sexual como um processo complexo em que amizade, empatia, capacidade de comunicação e mesmo espiritualidade fazem parte (Soares; Meneghel, 2021, p.133).

Assim, diante de impossibilidades devido às disfunções sexuais, pode-se encontrar possibilidades ao conhecer outros modos de vivenciar e experienciar a sexualidade através do afeto, da atenção e do carinho. Mas, para isso, as mulheres precisam se sentir mais livres em sua sexualidade e os homens, menos atados à questão falocêntrica. A liberdade de experimentar várias maneiras de exercer essa sexualidade talvez seja trazida com a maturidade, com a percepção de que alguns dogmas da tradição são aprisionadores e até mesmo com a inclusão dessas discussões nos serviços de saúde. Nesse caso, a mulher parece ter uma dupla tarefa: enfrentar as tradições que interferem em sua liberdade sexual e poder vivenciá-la na velhice. No caso de Addie, do filme citado na introdução desse artigo, isso foi possível por um tempo, mas o dever de mãe e avó pesou em sua decisão. Já os homens, podem aprender sobre diferentes possibilidades de vivenciar a sexualidade sem necessariamente ter o ato sexual em si.

### **Normatização da sexualidade na velhice**

Em geral, os textos que apontam a importância e necessidade da sexualidade no envelhecimento problematizam essa questão no que concerne aos tabus e questões de gênero que permeiam a sexualidade. No entanto, muitas vezes, também impõem modos de ser e fazer que podem transformar possibilidades de vivência em obrigações e normas.

Nesse sentido, Silva et al. (2012), observam que:

A sexualidade dos homens idosos parece permeada por um jogo complexo em que, por um lado, estimula-se/exige-se uma prática sexual intensa, associada a uma ideia de “qualidade de vida” ou, mais amplamente, de saúde, ao mesmo tempo em que se mantém um jogo de orientações morais que restringem, controlam e normatizam práticas sexuais, conduzindo a um modelo heteronormativo hegemônico que indi-

retamente se inscreve em palavras e práticas nas famílias, nas instituições religiosas e também nas instituições de saúde (Silva et al., 2012, p.178).

Sobre essa questão, Michel Foucault (1928-1984), em *História da Sexualidade*, já discutiu sobre essa tendência em interditar a sexualidade na sociedade ocidental, estabelecendo normas de como deve ser vivenciada e do que deve ser confessado. (Foucault, 1988, 1994). Essa confissão geralmente se direciona aos especialistas no assunto ou outras figuras de autoridade que possuem um discurso normatizador sobre a mesma. O sujeito que vivencia a sexualidade de forma estranha a essas normas, é convocado a se adequar ao estabelecido ou recebe algum diagnóstico preconizado pelos campos da medicina ou da psicologia.

Alguns textos analisados trazem essa preocupação de que, ao afirmar a importância de vivenciar a sexualidade na velhice, os dispositivos de cuidado acabem forçando uma norma de como deve ser essa vivência. Debert e Brigeiro (2012) colocam:

Uma velhice sexualmente ativa vem se estabelecendo como um ideal defendido por gerontólogos e outros especialistas afins ao tema, e é intensamente propagado pelos meios de comunicação de massa (Debert; Brigeiro, 2012, p.38)

O que pretendemos mostrar é que o processo de erotização da velhice conduzido pelos saberes especializados reproduz simultaneamente uma normatividade heterossexual e sugere como parte das prescrições para um envelhecimento bem-sucedido uma inversão do que é tido como próprio da sexualidade feminina e masculina (Debert; Brigeiro, 2012, p.38).

No estudo realizado por Debert e Brigeiro (2012), os autores observam que muitos idosos não consideram essa erotização da velhice, como vem preconizando a gerontologia. Pelo contrário, quando os homens mais velhos falam em sexo, estão muito mais seguindo as normatizações da masculinidade (ter vigor, potência, etc.), já algumas mulheres idosas não consideram a sexualidade como essencial para um envelhecimento ativo.

Rohden (2011) discute a medicalização do corpo masculino quando comenta que a medicina propõe prescrições de testosterona para conter a denominada disfunção sexual advinda com a idade e cria o diagnóstico de andropausa, que concebe uma situação normal em determinada idade como problema de saúde.

A indústria farmacêutica também incentiva o uso de medicamentos contra a disfunção erétil. O campo da saúde, geralmente preocupado em estabelecer padrões de normalidade e funcionalidade, acaba criando patologias onde antes era apenas o

curso normal do desenvolvimento humano. E com isso, novos tratamentos, novos remédios, novas necessidades de saúde.

Essa questão se coaduna muito bem com o que Heidegger (2015) denomina de era da técnica. No mundo contemporâneo, entrar em contato com a angústia e com o sofrimento é quase que como uma perda de tempo. O sofrimento passa a ser visto como algo a ser eliminado através da tecnologia e dos dispositivos biomédicos. Assim, as medicações e as técnicas terapêuticas que prometem o retorno ao vigor da juventude e à performance mais perfeita têm lugar garantido no mundo circundante. Santos e Sá (2013) colocam que as diferentes disciplinas da era da técnica aparecem para eliminar o sofrimento psíquico decorrente das experiências humanas, bem como contribuem para que não se aprenda a lidar com a angústia decorrente dessas experiências.

As necessidades criadas pela medicina e pela indústria farmacêutica nem sempre consideram as possibilidades de vivenciar a sexualidade de diferentes maneiras. Debert e Brigeiro (2012) comentam:

A lógica ao redor da medicalização da impotência masculina prescinde de qualquer necessidade de revisão de conceitos sobre as formas de experimentação do prazer, como a de estímulo ao descobrimento de novas zonas erógenas. (Debert; Brigeiro, 2012, p.44)

Esses discursos do campo da saúde e da medicalização se coadunam com o modelo de masculinidade vigente e propiciam o que está sendo denominado de normatização da sexualidade, ou seja, o velho deve vivenciar sua sexualidade de qualquer jeito. Para isso, há o medicamento que garantirá sua potência.

Para as mulheres, aparece um discurso um tanto diferente, mas que ainda assim parece dizer: sim, é possível se libertar sexualmente na velhice! O trecho abaixo, extraído do artigo de Debert e Brigeiro (2012), parece ilustrar muito bem a importância (ou necessidade) dessa libertação:

A velhice seria um momento propício para essa libertação, na medida em que as experiências acumuladas e o desprendimento das funções reprodutivas, de cuidado dos filhos pequenos e de uma família muitas vezes extensa permitem um distanciamento do conjunto de convenções relacionadas com o mundo feminino. (Debert; Brigeiro, 2012, p.42/43)

No caso das mulheres idosas, nem todas se sentem à vontade para manter uma vida sexual ativa, sobretudo na viuvez. A ênfase desses discursos em ter que abordar

esse assunto nos serviços de saúde pode ser importante para aquele/a idoso/a que manifesta interesse nesse campo. Contudo, tais ações precisam fazer sentido para os usuários dos serviços, pois, do contrário, há o risco de prescrever uma norma sexual na velhice.

Esses novos discursos sobre sexualidade na velhice também podem contribuir para uma multiplicidade de ofertas de sentidos, que Holzhey-Kunz (2018) considera como característica do mundo moderno e que diminuem a estabilidade ontológica. Isso pode ter como consequência o fato de que “desilusões e adoecimentos completamente triviais acabam colocando em curso processos psíquicos incontroláveis” (Holzhey-Kunz, 2018, p.70). Ou seja, ao invés de vivenciar a velhice tal como lhe faz sentido, o/a idoso/a pode se ver diante de imposições de ter que experienciar algo e isso pode ser extremamente adoecedor. Como, por exemplo, se submeter a tratamentos estéticos e/ou medicamentosos para garantir uma alta performance sexual e isso não fazer sentido para o ser-aí.

O ser-aí se caracteriza pela abertura. A sexualidade pode ser vivenciada como abertura, mas para isso é preciso considerar a singularidade de cada ser-aí. Alguns idosos talvez queiram vivenciar a sexualidade e isso faça parte do que pensam como envelhecimento ativo, mas talvez para outros, isso não faça tanto sentido. Não dá para trocar um discurso normativo por outro: sair de um discurso em que o velho é assexuado para um discurso em que o idoso tem que viver ativamente sua sexualidade nessa fase da vida. Talvez para alguns idosos, a companhia, a presença do outro, o afeto seja muito mais interessante e isso poderia ser mais incentivado pelas políticas públicas, através de espaços de convivência, por exemplo. Os discursos sobre sexualidade também podem se transformar, saindo do discurso falocêntrico, que tradicionalmente não beneficia tanto a mulher, nem o homem, e passem a incluir outros tipos de experiências da sexualidade prazerosas e libertadoras.

A preocupação dos autores estudados vislumbra muito brevemente a questão do cuidado antepositivo (Santos & Sá, 2013), quando apontam a importância de levar o tema da sexualidade para os serviços de saúde e a mostrar que muitos idosos/as sentem desejo de vivenciar a sexualidade. No entanto, alguns deles chamam a atenção para que essa empolgação em mostrar a necessidade da vivência sexual por parte de alguns/as idosos/as, não se transforme em uma norma, se tornando assim uma preocupação substitutiva, ou seja, o profissional de saúde é quem diz como o/a velho/a deve vivenciar sua sexualidade. É muito importante que a experiência do/a idoso/a seja ouvida para que o/a profissional de saúde entenda se faz sentido ou não essa experiência. A liberdade existencial está em justamente o/a idoso/a ter a oportunidade de refletir sobre o que faz sentido para si e poder escolher essa possibilidade,

ao invés de se deixar levar tão somente pelos discursos prescritivos da medicina ou da psicologia.

Ficou evidente também que muitos/as idosos/as valorizam a presença do outro, ou seja, para além do ato sexual em si, o/a idoso/a sente necessidade de ser-com. Nesse sentido, amigos da mesma faixa etária para fazer companhia, conversar, se abraçar, se tocar pode ser até mais prazeroso e saudável para eles/as do que uma relação sexual.

#### **4. Considerações finais**

O artigo teve como objetivo principal tecer algumas considerações teóricas sobre a velhice, a liberdade de ser-aí e a sexualidade nesse momento de vida através de uma revisão integrativa. A partir da análise dos artigos elencados, obteve-se três temas que foram apresentados e discutidos. Assim, observou-se que os artigos, em geral, apontam para a importância de trazer para o debate o tema da sexualidade na velhice e que este começa a ser fortalecido nos serviços de saúde. Contudo, há ressalvas por parte de alguns autores para que essa questão não seja imposta aos idosos. Com esse entendimento, fica evidente que viver a sexualidade plenamente pode ser um aspecto da liberdade do ser-aí, mas também pode ser aprisionador, no sentido de cair no modo impróprio uma vez que parece existir uma norma dizendo como tem que ser vivenciada.

As questões de gênero também aparecem fortemente na discussão quando se constata o quanto a sexualidade ainda é uma experiência complexa para as mulheres, sobretudo para as mais velhas. Muitas mulheres não se sentem autorizadas em vivenciar a sexualidade após a perda do cônjuge e outras, simplesmente, porque acreditam que idosas não podem ter vida sexual. Os discursos tradicionais sobre sexualidade ainda têm um poder significativo na experiência dessas mulheres. No caso dos homens, estes ainda são muito focados no ato sexual o que pode trazer sofrimento quando perdem a capacidade de ereção na velhice. Foi discutido sobre as possibilidades e impossibilidades de vivenciar a sexualidade na velhice e um dos aspectos elencados foi o fato de poder trazer à tona novas maneiras de sentir prazer. Isso sim poderia ser mais bem explorado pelos profissionais de saúde e políticas públicas, em geral.

A liberdade do poder-ser está justamente na possibilidade de encontrar sentidos através da abertura ao diálogo sobre a temática da sexualidade, mas sem cair em normas e imposições. Tal discussão precisa fazer sentido para o/a idoso/a para que este/a se perceba livre para escolher aquilo que pode habitar. Essa é uma contribuição do estudo para a compreensão de que a sexualidade pode até trazer mais qualidade de vida e saúde para o/a idoso/a, mas apenas se fizer sentido para ele/a. A experiência

do/a próprio/a idoso/a sobre a temática precisa ser valorizada por quem se arvora a cuidar disso para que se possibilite liberdade e autonomia para ele/a.

O presente trabalho tem suas limitações, pois, como dito anteriormente, a compreensão e interpretação dos artigos analisados perpassa por leituras anteriores e experiência diante do fenômeno estudado, de maneira que outras interpretações são possíveis e necessárias. Além disso, a questão da orientação sexual e outros aspectos relacionados não foram abordados de forma aprofundada, o que também traz uma limitação do estudo no que concerne ao público LGBTQIA+.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABOIM, S. Narrativas do envelhecimento: Ser velho na sociedade contemporânea. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, v. 26, n.1, p. 207-232, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702014000100013>
- BASTOS, C. C.; CLOSS, V. E.; PEREIRA, A. M. V. B.; BATISTA, C.; IDALÊNCIO, F. A.; CARLI, G. A.; GOMES, I.; SCHNEIDER, R. H. Importância atribuída ao sexo por idosos do município de Porto Alegre e associação com a autopercepção de saúde e o sentimento de felicidade. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, v.15, n. 1, p. 87-95, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/s1809-98232012000100010>
- BEAUVOIR, S. **A velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo, vol.II – A experiência vivida. 3ª. edição. Rio de Janeiro (RJ): Nova Fronteira, 2016.**
- BERALDO, A.B.; SOUZA, T.; MAYORGA, C. O aborto provocado: um estudo a partir das experiências das mulheres. **Revista Estudos Feministas**, v. 25, n.03, p.1141-1157, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n3p1141>.
- BIASUS, F.; DEMANTOVA, A.; CAMARGO, B.V. Representações sociais do envelhecimento e da sexualidade para pessoas com mais de 50 anos. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v.19, n.1, p.319-336, jun. 2011. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413389X2011000100025&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413389X2011000100025&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em 06 jul. 2021.
- BOSS, M. Encontro com Boss. **Revista Daseinsanalyse**, v.1, n. 2 e 4, p. 05-22, 1997.
- CÂMARA, Y.R.; CÂMARA, Y.M. R. Os dissabores amordaçados da velhice em Lygia Fagundes Telles e Clarice Lispector. **Estud. lit. bras. contemp.**, Brasília, n. 56, e5611, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/2316-40185611>
- CASANOVA, M. **Mundo e historicidade: leitura fenomenológica de ser e tempo**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017.
- DEBERT, G.; BRIGEIRO, M. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. **Rev. Bras. Ciências Sociais**, v. 27, n. 80, p.37-54, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092012000300003>.
- DETONI, P.P.; MACHADO, P.S.; NARDI, H.C. “Em nome da mãe”: performatividades e feminizações em um CRAS. **Revista Estudos Feministas**, v. 26, n.01, p.01-17, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2018v26n145084>
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro/RJ: Graal, 1988.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. 7ª ed. Rio de Janeiro/RJ: Graal, 1994.

GADAMER, H.G. **Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica-filosófica**. Tradução de Flávio Paulo Meurer; Revisão da tradução: Enio Paulo Giachini. 15ª. Ed. Petropolis/RJ: Vozes; Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2015.

HOLZHEY-KUNZ, A. **Daseinsanálise: O olhar filosófico-existencial sobre o sofrimento psíquico e sua terapia**. Tradução de Marco Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2018.

MAIA, A.C.B. Sexualidade e educação sexual. Disponível em: [https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/155340/3/unesp-nead\\_reei1\\_ee\\_d06\\_s03\\_texto02.pdf](https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/155340/3/unesp-nead_reei1_ee_d06_s03_texto02.pdf) (Acesso em 30/07/2021).

MEDEIROS, L. F. A inter-relação entre transtornos mentais comuns, gênero e velhice: uma reflexão teórica. **Cadernos Saúde Coletiva**, 27(4), 448-454, 2019. <https://doi.org/10.1590/1414-462x201900040316> (Acesso em 06/11/2021).

PAIVA, L. L.; FRASSON, A.L. Reflexões sobre menopausa, incontinência urinária, sexualidade e envelhecimento. **Estud. interdiscip. Envelhec.**, v. 19, n. 3, p. 743-757, dez. 2014.

POCAHY, F.A. Entre vapores & vídeos pornô: dissidências homo/eróticas na trama discursiva do envelhecimento masculino. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n.2, p. 357-376, maio-agosto/2012.

ROHDEN, F. “O homem é mesmo a sua testosterona”: promoção da andropausa e representações sobre sexualidade e envelhecimento no cenário brasileiro. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.17, n.35, p. 161-196, jan./jun. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832011000100006>.

SANTOS, D. G.; SÁ, R. N. A existência como cuidado: elaborações fenomenológicas sobre a psicoterapia na contemporaneidade. **Rev. Abordagem Gestáltica – Phenomenological Studies**, v. 19, n. 01, p. 53-59, 2013.

SANTOS, S.S.; CARLOS, S. A. Observações clínicas sobre o valor das reminiscências no processo de envelhecimento. **Barbaroi**, Santa Cruz do Sul, n.35, p.128-140, dez. 2011. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-65782011000200009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782011000200009&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 07 jul. 2021.

SILVA, V. X. L; MARQUES, A.P.O.; LYRA, J.; MEDRADO, B.; LEAL, M. C. C.; RAPOSO, M.C.F. Satisfação Sexual entre Homens Idosos Usuários da Atenção Primária. **Saúde Soc.**, São Paulo, v.21, n.1, p.171-180, 2012.

SOARES, K.G.; MENEGHEL, S.N. O silêncio da sexualidade em idosos dependentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 01, p. 129-126, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020261.30772020>

VIEIRA, K.F.L.; COUTINHO, M.P.L.; SARAIVA, E.R.A. A Sexualidade Na Velhice: Representações Sociais De Idosos Frequentadores de Um Grupo de Convivência. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, n. 01, p. 196-209, 2015.

ZANELLO V.; FIUZA, G.; COSTA, H.S. Saúde mental e gênero: facetas engendradas do sofrimento psíquico. **Fractal: Revista de Psicologia**, v.27, n.3, pp. 238-246, 2015.